

## **RIO CACHOEIRA (ITABUNA/BA): Representações e Percepções em Diálogos com a História Ambiental.**

Alyne Martins Gomes<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo apresenta a monografia de pós-graduação intitulada Rio Cachoeira (Itabuna/Ba): representações e percepções em diálogos com a história ambiental. O trabalho buscou discutir e compreender se as imagens diversas do Rio Cachoeira pintado pelo artista Walter Moreira em muito do seus quadros poderiam ser a representação da percepção que homens e mulheres moradores da cidade de Itabuna - banhada por este Rio Cachoeira – têm a respeito do mesmo. A investigação está amparada na topofilia, pretendeu extrair do imaginário e da simbolização apresentada nos quadros do artista a percepção que se têm do rio Cachoeira. Para tanto, ao passo em que se apresentou uma discussão sobre a história ambiental da cidade de Itabuna, também enxergou este elemento - o rio - para além de um cenário ambiental.

**Palavras-chave:** Itabuna – Rio Cachoeira – História ambiental

A motivação para escrita deste artigo está relacionada tanto a “solicitações” acadêmicas quanto a própria oportunidade de revisitar o tema que a seguir será apresentado. Antecipadamente, cabe dizer, que este artigo se baseia num recém escrito estudo monográfico realizado a título de pós-graduação.

Mais objetivamente o que apresentamos a seguir trata-se de um breve levantamento bibliográfico e que de certo apontou alguns dos caminhos que percorremos durante a realização da pesquisa, cuja pretensão foi apresentar uma discussão sobre a história ambiental da cidade de Itabuna, destacando em particular o papel do rio Cachoeira, considerado pela pesquisa para além de um cenário ambiental, e sim um símbolo cultural.

Para iniciarmos nosso estudo, optamos por esclarecer a pertinência da temática ambiental no seio das discussões historiográficas. Ou seja, pareceu-nos conveniente começar desfazendo a possível dúvida de que os estudos das relações homem-natureza pudessem ser tarefa de outras ciências, uma temática fora da alçada dos historiadores.

Assim, dedicamos algumas páginas do nosso estudo monográfico para apresentar e ou relembrar alguns historiadores cujos trabalhos desenvolveram-se em

torno desta temáticas. Começamos pois, citando Regina Duarte (2005), segundo quem “o fato dos historiadores terem dirigido suas atenções de forma tão sistemática em direção à natureza, a ponto de criarem um novo “ramo” de estudos, demonstra muito bem como a produção do conhecimento histórico se faz em sintonia com seu próprio tempo”.<sup>2</sup>

Contudo, podemos afirmar que foi através da iniciativa promovida pelos *Annales*<sup>3</sup> em ampliar as fontes e os objetos ou temas de pesquisas historiográficas que amparou esse novo “ramo” como preferiu chamar DUARTE (2005), a ampliação possibilitou que temáticas como a natureza pudesse ser tomada como ponto integrante do desenrolar das ações humanas para muito além do que cenário. A História Ambiental considera a natureza elemento essencial para própria existência humana.

Antoine Prost (1933) em seu livro **Doze lições sobre a história**<sup>4</sup>, ao discutir quais seriam as questões que realmente interessariam a história, cita Collingwood que afirma: “A questão só deverá ser formulada se o historiador tiver algumas razões para pensar que será capaz de encontrar respostas (...)” (COLLINGWOOD, 1935 apud PROST, 2008, p.79). O “xis” da questão será a forma como os historiadores utilizarão as fontes e abordarão o tema. Ou seja, o conhecimento histórico sempre se realiza em sintonia com as preocupações do presente do historiador.

Mais uma vez Prost cita Collingwood,“(...) a ampliação do saber histórico depende, sobretudo, de descobrir a maneira de utilizar, como prova, a percepção de determinado fato que, até então, havia sido considerado sem utilidade pelos historiadores”. (COLLINGWOOD apud PROST, 2008, p.76). Podemos afirmar dentro desta perspectiva que a questão será o essencial na delimitação de qual será o objeto histórico. Ou seja, o que se deseja descobrir? O que se quer investigar?

O historiador Eric Hobsbawm<sup>5</sup> em entrevista publicada na Revista Sem Terra (maio/junho, 2009), afirmou que o desafio do século XXI: é a questão ecológica. Deste modo, a temática da natureza teria em outras palavras, o que Prost chamou de pertinência social. Todavia, modo algum, porém, a pertinência social poderá se sobrepor a pertinência científica, “a questão do historiador deve situar-se entre o mais subjetivo e o mais objetivo” (Prost, 1933, p. 93).

Todavia, propomos uma breve pausa para que compreendamos o uso e o significado que os termos natureza, ecologia e ambiental terão neste estudo. Quando pensamos em ecologia ou movimentos ecológicos, surge-nos, imediatamente, a imagem de pessoas fazendo passeatas, campanhas, grupos ou Organizações não governamentais

(ONG's); integrantes do Greenpeace protegendo a natureza, entre outras.

Também a relacionamos a problemas, tais como, desmatamentos, incêndios em florestas, lixos tóxicos, animais em extinção. Resumindo: tudo o que se refere à ecologia está, num primeiro momento, diretamente ligado ao ambiental. Em seu significado mais corrente, ecologia, a ciência da casa, estuda a relação dos seres vivos com os meios orgânico ou inorgânico, nos quais vivem, ou seja, com a sua natureza.

Mas o que significa natureza? Se pensarmos na semântica de tal palavra, perceberemos que há inúmeros sentidos que pairam sobre o termo e, que este, designa “realidades aparentemente inconciliáveis. Natureza é a floresta, os rios, os animais, algo material e objetivo. Mas também o caráter, a índole de uma pessoa, algo espiritual e subjetivo” (CASTRO, 1992, p.30).

Manuel Antônio de Castro<sup>6</sup> no ensaio “Ecologia: a cultura como habitação” (CASTRO, 1992, p. 13-33), propõe que consideremos o termo ecológico a partir do significado etimológico de oikos, da aproximação de conceitos de ecologia e cultura, ligada à idéia de conjuntura e da lembrança da tríplice acepção de cultura enquanto habitar, cultivar e cultivar.

E ambiental? O que abrange tal termo? O meio ambiente é como um conjunto de todos os elementos contidos em um espaço e que foram modificados pelas ações humanas, segundo Donald Worster (1991, p. 202).

A compreensão da recorrência de conflitos entre diferentes formas de percepção, sensibilidade e atitudes humanas diante da natureza, e também, a apreensão e interpretação desses fenômenos em uma perspectiva temporal não é externa ao campo de interesse da historiografia.

Faz-se oportuno lembrar que a história do homem está diretamente ligada às relações que ele desenvolve com outros homens e também com o meio em que vive. As transformações promovidas no meio ambiente, resultado das ações humanas e das novas tecnologias, tornaram a questão ambiental uma das maiores preocupações nas sociedades atuais. Tais fatos provocam as ciências sociais - em particular a história – a retirar as questões ambientais do papel de pano de fundo ou cenário, colocando-as dentro da discussão historiográfica.

O conceito de História Ambiental é relativamente recente no país. Em termos internacionais, pelo menos desde a década de 1970, vários trabalhos vêm sendo desenvolvidos sob essa abordagem. Nos últimos anos, tem aumentado o número de trabalhos de história sobre natureza e meio ambiente no Brasil.

Fazem parte daqueles que mais recentemente tem se dedicado a temática Ambiental os autores: Maria Elice Brzezinski Prestes com o texto A investigação da natureza no Brasil Colônia (2000); José Augusto Pádua e o livro Um sopro de destruição- pensamento político e critica ambiental no brasil escravista (1786 - 1888) publicado em 2004; Regina Horta Duarte com História e natureza (2005); Priscila Marchini Martins que escreveu o artigo História, Natureza e Cultura: algumas perspectivas historiográficas recentes (2006). Além desses autores, a seguir serão apresentados, brevemente os estudiosos que iniciaram os debates sobre a história ambiental no Brasil.<sup>7</sup>

Em artigo publicado no Brasil, no início da década de 1990, o historiador norte-americano Donald Worster<sup>8</sup> concebeu a história ambiental como uma “ampliação da perspectiva da história” para além das fronteiras nacionais e que atentasse para o lugar e o papel do meio ambiente na vida humana, uma história muito mais inclusiva. Sua principal meta é aprofundar nossa compreensão de como os seres humanos têm sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e, inversamente, como eles têm afetado o ambiente e com que resultados". (Worster, 1991).

Warren Dean<sup>9</sup> (2002), considerado pioneiro da história sobre o meio ambiente brasileiro, com o estudo A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira classificava de “história ecológica”, realizou pesquisas sobre a exploração da borracha amazônica e influenciou pesquisadores como José Augusto Pádua. No seu estudo A Ferro e Fogo, Dean apresenta muito mais que uma critica a forma de exploração da borracha (ou ainda da floresta), apresenta uma denuncia as práticas devastadoras desta exploração.

José Augusto Drummond<sup>10</sup> em seu artigo História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa “para os clássicos das ciências sociais, as sociedades humanas estavam, portanto, fora ou acima da "história natural", ou do "tempo geológico” adotado a duras penas no estudo dos atores vivos e mortos da natureza.” (DRUMMOND, José Augusto. 1991, p.179).

Em Um Sopro de Destruição, José Augusto Pádua<sup>11</sup> apresenta “a existência de uma reflexão profunda e consistente sobre o problema da destruição do ambiente natural por parte dos pensadores que atuaram no país entre 1786 e 1888, muito antes do que convencionalmente se imagina como sendo o momento de origem desse tipo de debate.” (Pádua, 2004. p.76). Neste estudo, de José Augusto Pádua (2004) examinou a percepção crítica da degradação ambiental e seus efeitos sociais pelo pensamento político

brasileiro, de fins do século XVIII e no século XIX ampliou temporalmente o início das discussões sobre as questões ambientais, e colocou os pensadores brasileiros na vanguarda do pensamento e do estudo acerca das questões ambientais.

Todavia, como o próprio Pádua afirma, seu estudo adentrou por um território onde encontravam-se esquecidos autores brasileiros dos séculos XVIII e XIX cujos pensamentos sobre os dilemas ambientais foram ignorados pela historiografia. Isto posto, parece claro que, para além da relevância contemporânea de se compreender as relações entre os seres humanos e a natureza e o apelo, diante dos graves problemas ambientais que tem-se apresentado, os historiadores não poderiam fugir a esse debate.

Entre os autores “famosos”, podemos citar, por exemplo, o livro “Fazedores de Desertos”, publicado originalmente em 1901, e “Entre as Ruínas”, de 1904 de Euclides da Cunha. Nestes, Euclides critica, o próprio avanço humano que ele avalia e seu efeito na vegetação, nos recursos hídricos, nos solos, no clima e na própria civilização. A análise destas obras foi realizada num artigo escrito por Edson Struminski<sup>12</sup>, que embora não seja historiador realiza um trabalho admirável.

Outro personagem é José Bonifácio, apontado tanto por Dean quanto por Pádua (2002) como alguém que defendia a proteção do patrimônio natural brasileiro, numa perspectiva de utilização racional e controlada pelo governo. A presente preocupação de Bonifácio demonstra mais uma vez que as discussões ambientais têm ocupado a muito lugar na vida social, rejeitando a história do meio ambiente como um modismo místico e provisório.

Um autor que permite indagar sobre as questões ligadas a percepção das sociedades frente a natureza é Keith Thomas<sup>13</sup>. Em seu livro O Homem e o Mundo Natural (Thomas, 1988), trata das atitudes dos homens para com os animais e a natureza durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Thomas apresenta os pressupostos que fundamentaram as percepções, raciocínios e sentimentos dos ingleses no início da época moderna frente aos animais, plantas e paisagem física, atendo-se a um ponto fundamental da história humana: o predomínio do homem sobre o mundo natural. Thomas acaba por fornecer um panorama daquela que, ele mesmo acreditava ser uma das grandes contradições da civilização moderna, ou seja, o conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana.

Cabe aqui, citar ainda o trabalho Os historiadores e os rios, de Victor Leonardi (1999), sobre o “desaparecimento” da cidade de Airão, no vale do rio Jaú, na Amazônia. Na busca por esclarecer o arruinamento desta cidade, Leonardi<sup>14</sup> apresenta seus métodos

de pesquisa, suas fontes documentais, orais e imagens, relacionadas a textos oficiais e escritos de viajantes, de modo a transparecer as possibilidades de fontes.

Porto-Gonçalves<sup>15</sup> (2004), em seu livro *O Desafio Ambiental* esclarece que com o advento do ambientalismo pós anos 60, cresce a consciência de que há um risco global. Tudo indica que haveria uma crise, diante não só de uma flexibilidade que deriva da consciência de que as ações humanas estão retornando aos executores, como também que o planeta é um só e a desordem localizada num determinado bairro, cidade, região, país não fica confinada a esses lugares.

Comunga deste pensamento e amplia as discussões desse estudo, Jocimar R. de Almeida<sup>16</sup> em seu livro *Planejamento Ambiental* (1999) ao apresentar o conceito de desenvolvimento e suas alterações. No estudo, Jocimar Almeida, cita ações do governo brasileiro, em criar de um programa específico, no final da década de 1960, chamado Programa de Integração Nacional, voltado principalmente para a ocupação da Amazônia. Este programa, bem como alguns outros que foram propostos no mesmo período, marcam o fim da visão do território apenas no seu aspecto físico, os problemas sócio-econômicos passam a fazer parte do planejamento.

Poderíamos dizer até que este entendimento demonstra a ideia de não externalidade do homem com relação a natureza, ao menos do ponto de vista econômico, posto que em particular os Planos e Programas que surgem voltam-se primeiramente as áreas de Florestas onde a relação de dependência aparece mais claramente.

Ou seja, deste modo, a construção de comunidades e sociedades sustentáveis deve partir da reafirmação de seus elementos culturais e históricos, do desenvolvimento de novas solidariedades e do respeito à natureza (DIEGUES, 2003)<sup>17</sup>. Abrindo uma nova perspectiva sobre a abordagem da historia ambiental, Simon Schama<sup>18</sup> (2009) no livro *Paisagem e Memória*, busca identificar a mitologia da natureza no Ocidente em suas várias manifestações. O autor faz uma análise detalhada e profunda das significações atribuídas à paisagem natural em diversas épocas e lugares.

A perspectiva de Simon Schama se diferencia das de Dean e de Pádua. Para o autor, a natureza influencia a memória coletiva e o sentimento de identidade nacional ou regional. Não tem a preocupação de entender a organização da sociedade, mas discutir a relação entre a natureza e identidade nacional, demonstrando como a “floresta tornou-se símbolo, recurso, motivo e lugar da memória e da identidade de um povo”.

Um dos autores que tem pensando a questão da natureza e tem dialogado com a

obra de Simon Schama, é Gilmar Arruda<sup>19</sup>. Em sua pesquisa, desvenda a construção do imaginário sobre as relações entre as cidades e os sertões na sociedade brasileira dos fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Tanto Simon Schama quanto Gilmar Arruda (2000), procuram entender a identidade nacional a partir de análise cultural.

Assim como Gilmar Arruda, Maria Ligia Prado<sup>20</sup> (1999) aborda discursos sobre a natureza e suas relações com as construções das identidades nacionais. Em seu livro *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos*, entre outros temas, a autora analisa imagens da natureza e sua relação com a construção de identidades nacionais na América Latina.

A perspectiva historiográfica de Telmo Marcon<sup>21</sup> se diferencia de todas as perspectivas historiográficas aqui apresentadas. O autor, para a realização de sua pesquisa, como relatado no artigo intitulado *Cultura e Natureza: Modos de Vida dos Caboclos do Goio-Em (SC)*, tem trabalhado com as relações homem-meio, cultura-natureza, modos de vida-espço, o que, segundo ele, “ajudaram a pensar o espaço como construção histórica”. Sua pesquisa foi desenvolvida tendo como referência documental as fontes orais.

A escolha do referencial bibliográfico a partir de trabalhos escritos sobre a história ambiental logo se juntaram as produções teóricas calcadas na representação, percepção, imaginário, toponímia, relação sociedade natureza, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros, que subsidiaram esta pesquisa. Para tanto, consideraremos o autor Yu-fu Tuan<sup>22</sup> (1980), em sua obra *Topofilia - um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, como um dos principais norteadores das ideias acerca de percepção ambiental que utilizamos durante o processo de interpretação das fontes históricas utilizadas, especificamente, os quadros de Walter Morerira. A leitura e interpretação desta obra influenciou toda uma rede de desejos em aprofundar o estudo das ideias e valores em relação a percepção das binômio itabunenses-Rio Cachoeira.

Assim, nossa pesquisa teve como espaço histórico a cidade de Itabuna, que se localiza nas margens do Cachoeira cuja bacia percorre parte da chamada Região Cacaueira da Bahia. Pesquisamos, porém, não a partir de uma temporalidade linear - embora tenhamos um recorte temporal - pois as ideias de passado, presente e futuro se misturam, como em uma “roda de fumaça” (Atlan, 1992, p.9)<sup>23</sup> em particular quando se elege como fonte histórica obras de arte. Delas, buscamos filtrar visão, percepção e simbolização do Rio Cachoeira.

Aceitamos o pensamento como representação do conhecimento e da imaginação, que busca a experiência forjada pelo subconsciente, ativa possibilidades para o trabalho intelectual; o sentimento como sendo o emocional, o afetivo, a sensação e busca do que foi silenciado em nível do aprender a sentir o mundo. (Aranha & Martins, 1992, p.386). Assim, o trabalho buscou analisar imagens sobre o rio Cachoeira em Itabuna/Ba para tanto, tomou as telas do pintor Walter Moreira, sua imaginação como mediadora entre o vivido e o pensado, entre a presença bruta do objeto e a representação. Assim, "a imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos" (Aranha & Martins, 1992, p.387)<sup>24</sup>.

Desta maneira, este estudo pretendeu responder ou abrir mais um foco de discussão sobre a percepção da sociedade itabunense sobre o Rio Cachoeira, onde o que se buscou foi através de uma teoria do olhar baseada no conceito de imaginário, analisar e compreender as percepções e os valores sobre o elemento natural Rio Cachoeira.

---

1 Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz, pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Internacional de Curitiba, professora da rede pública de ensino Estadual e Municipal da Bahia atuando na Ed. Básica do 6º ao 3º ano do E.M e pós-graduanda do curso de Especialização em História do Brasil sendo orientanda do profº Dr. Clóvis Pereira. E-mail: alynegitab@yahoo.com.br

2 DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2005. 111p.

3 Tratou-se, pois de um movimento [historiográfico](#) que se constituiu em torno de um periódico acadêmico francês tendo se destacado por incorporar métodos das [Ciências Sociais à História](#). Fundada por [Lucien Febvre](#) e [Marc Bloch](#) em 1929, propunha-se a ir além da visão [positivista](#). Renovou e ampliou o quadro das pesquisas históricas ao abrir o campo da História para o estudo de atividades humanas até então pouco investigadas e privilegiando os métodos pluridisciplinares. Para conceituar os Annales consultou-se Le Goff em obra citada na bibliografia final do estudo monográfico aqui apresentado.

4 Na busca de alcançar a verdade histórica muitos de nós historiadores acreditávamos que devíamos nos afastar – o que certamente não é possível – das relações com o presente. E foi esse um dos pontos principais em torno do qual versou Prost neste livro com o propósito de discutir quais seriam as questões que realmente interessariam a história.

5 ROBSBAMW, Eric. *Revista Sem Terra*, maio/junho 2009. Disponível: <http://consumoconscientesustentavel.blogspot.com/2009/06/entrevista-de-erica-hobsbawm-crise.html> acessada em 18/06/2011.

6 CASTRO, Manuel Antônio de. *Ecologia: a cultura como habitação*. In: SOARES, Angélica; org. *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992, p. 13-33.

7 Os autores e estudos citados neste parágrafo foram muito importantes para a realização do estudo monográfico que fizemos, nele encontram-se as referências completas das obras mencionadas.

8 WORSTER, Donald. *Para fazer história ambiental*. Revista Estudos Históricos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, [Vol. 4, No 8, 1991](#).p.198-215.

9 DEAN. Warren. *A Ferro e Fogo: a História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

10 DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n.8. 1991, p. 171-197.

11 PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição- pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786 - 1888)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 320p.

12 STRUMINSKI, Edson. *José Bonifácio: Ambientalista de Dois Mundos*. In: <http://www.historiaambiental.org/index.php> acessada em 27/03/2011.



- 
- 13 THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. Companhia das letras. 3ª Ed. São Paulo, 1988. p.288-302.
- 14 LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 12 e Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- 15 PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *O desafio ambiental*. Rio de Janeiro: Record, 2004. 179p.
- 16 ALMEIDA, Jocimar Ribeiro de. *Planejamento Ambiental: caminho para participação popular e gestão ambiental para nosso futuro comum: uma necessidade, um desafio*. 2 ed. Rio de Janeiro: ThexEd: Biblioteca Estácio de Sá, 1999. 161p.
- 17 DIEGUES, Antonio Carlos. *Etnoconservação*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- 18 SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 645p.
- 19 ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a História e a Memória*. 1ª Ed. Baurú/SP: Edusc, 2000. 255p.
- 20 PRADO, M. Lígia C. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999, 228p.
- 21 MARINS, Priscila Marchini.. Espaço Plural — Ano VI - Nº 14 - 1º Semestre de 2006 — Versão eletrônica disponível na internet: [www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber).
- 22 TUAN, YI-FU. *Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.
- 23 ATLAN, Henri. *Entre o Cristal e Fumaça*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zhar editor, 1992. 272p.
- 24 ARANHA, M. L. A . & MARTINS M. H. P *FILOSOFANDO - Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.